

Documentação, histórias e memórias dos trabalhadores no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

Marcos Aurelio Santana Rodrigues*

Resumo: Tendo em vista que a memória pode ser entendida como uma ação que ultrapassa em muitos aspectos a *psiquê*, tomamos aqui a memória em sua expressão social, configurando aquilo que Maurice Halbwachs chamou de "memória coletiva",¹ e assinalamos algumas possibilidades de construção da memória coletiva dos operários do Rio de Janeiro a partir do trabalho de documentação e pesquisa desenvolvido pelo Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Esta comunicação tem por objetivo, portanto, apresentar o processo de formação e o acervo do AMORJ, constituído nestes últimos vinte e quatro anos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Abstract: Considering that the memory can be understood as an action that goes beyond the *psyche* in many ways, here we take the memory in their social expression, setting what Maurice Halbwachs has called "collective memory", and pointed out some possibilities for the construction of collective memory workers in Rio de Janeiro from the documentation and research developed by Workers Archive Memory of Rio de Janeiro (AMORJ). This communication is intended, therefore, present the training process and the collection of these constituted AMORJ last twenty four years in the Graduate Program in Sociology and Anthropology (PPGSA) of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ).

A formação de um arquivo de memória operária no Rio de Janeiro

Tomando como premissa que as atividades, as relações sociais, de poder e de saber, assim como seus materiais, não são originárias de um lugar comum e não são dados naturais,² é possível considerar que o AMORJ e sua documentação decorrem desses tipos de relações e que, acompanhando um problema levantado por Marc Bloch, quando diz que os documentos não nascem aqui ou ali por mera vontade dos deuses porque são resultados de causas humanas,³ acrescentamos que tanto o Arquivo quanto o seu acervo documental também decorreram de problemas muito específicos de "causas humanas" e que em seu conjunto permitiram formar este "lugar de memória",⁴ tomando por empréstimo a expressão de Pierre Nora.

O AMORJ, um centro de documentação e pesquisa, foi formado na década de 1980 a partir de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Pesquisa Social (LPS)/PPGSA/UFRJ, que reunia pesquisadores ocupados tanto com o que chamavam à época de "formação da classe operária no Rio de Janeiro", quanto com a preservação e a transmissão da memória desta. Apontavam, desta maneira, os mais diversos problemas pelos quais passaram os trabalhadores na sua constituição social e política,

visitando temas que perpassavam várias instituições e experiências históricas no nosso estado. Assim, reunindo vasto material produzido por estas pesquisas, foi formado o AMORJ no ano de 1987.

Com o passar dos anos o Arquivo atingiu significativa visibilidade, tornando-se objeto de reportagens na imprensa. Tanto que em 1992 o jornal *Última Hora* noticiava que

Nem todos os panfletos, cartazes e faixas que agitaram as mais famosas manifestações de trabalhadores, no Rio de Janeiro, terminaram seus momentos de glória numa lata de lixo. Uma parcela significativa deste rico material de referência, onde é contada a história do movimento sindical fluminense, está hoje guardada com carinho pelos técnicos do Memória Operária, um grupo de cientistas políticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que resolveram se unir e criar um centro de memória para o público em geral e o trabalhador em especial.
[...]

O projeto surgiu no final de 1986 através da tese de mestrado da professora de Ciências Sociais da UFRJ, Elina Pessanha, sobre os operários da construção naval de Niterói.⁵

[...] nasceu em 1987, da preocupação de um grupo de sociólogos, antropólogos e historiadores do IFCS em reunir a farta produção de pesquisas acadêmicas do instituto sobre o assunto mas que poucos tinham acesso, porque ficavam centralizadas nas mãos dos professores. Mas essa ideia original evolui quase que naturalmente. Misturando poeira a papel amarelado, idas diárias a sindicatos e a outras fontes de consulta, os pesquisadores passaram a reconstruir de forma mais ampla uma página esquecida da história de homens e mulheres que elegeram a luta de classes como o ideal de suas vidas.⁶

O *Jornal do Brasil* também deu destaque às atividades do AMORJ, informando que o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), da UFRJ, organizava um "arquivo sobre a história dos trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro".⁷

A reportagem dizia que o Arquivo reunia

[...] fotos, publicações e depoimentos gravados de operários sobre a formação e a evolução dos sindicatos de trabalhadores no Estado do Rio, desde o início do século [XX], é o único em todo o estado. O objetivo é pôr à disposição do público um acervo que cubra toda a história sindical e que sirva não só para pesquisas acadêmicas como para consultas de trabalhadores e sindicalistas.⁸

Destacava que “pelo levantamento das pesquisadoras Elina Pessanha, coordenadora do trabalho, e Sandra Rebel, bibliotecária, quase todas as entidades têm algum tipo de publicação periódica – jornal, revista ou folheto”.⁹ Naquela ocasião o documento mais antigo do acervo era “*A Forja*, jornal da União dos Metalúrgicos (ela deu origem ao sindicato da categoria), data de 1937” e, segundo levantamento delas, uma especificidade das instituições deveria ser assinalada: “dos 176 sindicatos listados nos três municípios fluminenses, 76% não estão filiados a centrais sindicais, 16% são filiados à CUT [Central Única dos Trabalhadores], 7% à CGT [Central Geral dos Trabalhadores] e 2% a outras”. De acordo com elas, esse levantamento “foi estimulante para as centrais que estão procurando intensificar as campanhas de filiação junto aos sindicatos”.¹⁰ Diziam ainda que estavam “levantando esses dados para que os pesquisadores desenvolvam trabalhos a partir deles”. Portanto, naquela ocasião, entre as preocupações do AMORJ estava a construção de conhecimentos que pudessem fomentar pesquisas sobre instituições sindicais.

Outro aspecto destacado na reportagem foi referente à captação de documentos, pois “grande parte do material foi coletada junto a líderes sindicais aposentados. Segundo Elina, é comum eles terem em casa grandes acervos, com recortes de jornais, emblemas, panfletos, carteiras de trabalho antigas e fotografias sobre instituições a que se filiaram”.¹¹

A dita reportagem também se remeteu à formação do Arquivo e nos ajuda a completar informações, principalmente quando destaca que o AMORJ surgiu a partir de pesquisas realizadas

[...] junto a fábricas e categorias sindicais, reunidas sob o nome O Trabalhador Carioca – produção e reprodução da classe trabalhadora do Rio de Janeiro, passou a trazer para o instituto [IFCS] uma documentação tão farta sobre o tema que o jeito foi organizá-la de maneira a torná-la acessível ao público. “Agora, o arquivo existe independente das pesquisas. Estamos fazendo um trabalho de coleta de peças e de pedidos de doações”, conta Elina.¹²

Acrescento a essas informações publicadas na imprensa, para o fim de clarear e esclarecer mais os processos de formação e consolidação do AMORJ, relatos coletados, especialmente com a Profa. Elina Pessanha, que fizeram parte de uma pesquisa de monografia que realizei, intitulada “Presença Anarquista no Arquivo de Memória do Rio de Janeiro”.¹³ Ela nos informava, a partir de suas lembranças, que o AMORJ foi criado oficialmente em 1987, mas já funcionava desde, aproximadamente, 1983 – a partir das iniciativas de um grupo de nove professores (do Departamento de Ciências Sociais e da Pós-Graduação de Sociologia e Antropologia da UFRJ) coordenado pela professora Alice Rangel, professores estes que desenvolviam pesquisas sobre o tema trabalho e sindicalismo. O projeto chamava-se “Produção e Reprodução da Classe Trabalhadora no Rio de Janeiro”, e era financiado pela FINEP, gerando significativo material de pesquisa.

Elina, que fazia parte desse grupo, propôs a reunião deste material em um arquivo – na verdade um centro de documentação e pesquisa, conforme já dissemos – para que não se perdesse e não ficasse disperso, batizado por ela com o nome de

Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro. Nesse sentido, como eram produtos de pesquisas sobre a “classe trabalhadora”, termo ao qual recorrentemente se remetiam, analisando sua formação, desenvolvimento e consolidação em vários aspectos sociológicos e antropológicos, esses foram reunidos e deram origem ao primeiro volume de documentos do AMORJ.

No início das suas atividades de gestão dos tais documentos recolhidos pelos pesquisadores, o AMORJ funcionou na sala onde atualmente está instalada a Rádio Pulga,¹⁴ no quarto andar do prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Largo de São Francisco nº 1, Centro, Rio de Janeiro. Depois o Arquivo passou a ocupar a sala 111, no térreo desse prédio – posteriormente anexaria a sala 113 ao lado – integrando-se ao Laboratório de Pesquisa Social (LPS). Este foi criado em 1983, abrangendo vários núcleos de pesquisa ligados ao Departamento de Ciências Sociais e à Pós-Graduação de Sociologia e Antropologia da UFRJ – com acesso pela sala 109, no térreo desse mesmo prédio – e que passaram, também, a fornecer seus materiais de pesquisa para o Arquivo, aumentando o acervo.

A partir dos anos 90, mobilizados pelo “Projeto Memória do PCB”, do qual o AMORJ fazia parte, antigos militantes passaram a doar suas coleções particulares a este, que passaria, também, a abrigar grande parte do acervo do Instituto Astrogildo Pereira, órgão do PCB, e de materiais produzidos pelo partido. Neste sentido, conforme noticiou o *Jornal do Sintufrj*,

[...] o Arquivo acabou sendo herdeiro da história do Partido Comunista Brasileiro, o PCB, após o racha que deu origem ao PPS (Partido Popular Socialista). Todos os documentos e livros, antes de posse do Instituto Astrogildo Pereira, foram para lá, por decisão dos militantes. A UFRJ pagou 10 mil dólares à Fundação Feltrinelli pela reprodução dos microfimes que registram a história da imprensa operária brasileira da época da ditadura do Estado Novo, que os italianos guardavam em Milão.¹⁵

É importante salientar que o AMORJ e os movimentos político-sociais que discutiam a preservação dos documentos ligados a instituições diversas e produzidos pelos trabalhadores estavam desenvolvendo proposições em níveis nacional e internacional, levando o Arquivo a tornar-se referência, conforme disse Elina, no meio acadêmico, de documentação operária e sindical, produzindo e publicando catálogos de documentos, cronologias, dossiês, resenhas, bibliografias etc., além de manter intercâmbio com instituições como a Universidade Federal Fluminense (UFF), o Centro de Pesquisa e Documentação da História do Brasil Contemporâneo (CPDOC)/Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)/UNICAMP e outras.

Em 1991, momento em que passou a receber apoio financeiro da Fundação Ford, o AMORJ fez parte da formação do Comitê Brasileiro de Centros de Documentação, Formação e Assessoria Sindical, além de participar da formação do Consórcio de Centros Cooperantes do Programa de Memória do PCB (rede nacional de preservação da memória deste partido), mantendo intercâmbio com sindicatos e centrais sindicais e recebendo doações. Em 1992, o Arquivo participou da formação e

da diretoria da Asociación Iberoamericana para la Recuperación y Protección de los Archivos de los Trabajadores y sus Organizaciones (AIRPATO), que contava com a participação do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), iniciativa esta que não teve continuidade.

Ampliando suas redes de cooperação e intercâmbio, o AMORJ, a partir do “Programa de Memória do PCB”, adquiriu cópias microfilmadas do Archivo Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB), que continha significativa documentação referente ao PCB, a movimentos feministas, aos movimentos de guerrilha e aos exilados no período da ditadura de 1964, às organizações anarquistas do início do século XX, além de militantes que tiveram visibilidade nos movimentos sindicais e políticos brasileiros e internacionais, como Astrojildo Pereira e Roberto Morena.

Estes novos projetos atraíram a atenção de antigos militantes tanto do PCB, quanto de diversos sindicatos que, de várias maneiras, estiveram relacionados a este partido e às suas práticas políticas, sociais, sindicais, culturais e estudantis no período da década de 1930 até a década de 1990. A partir da adesão do AMORJ ao Programa de Preservação de Memória do PCB, portanto, o Arquivo passou a ter uma visibilidade maior entre sujeitos que efetivamente contribuíram para a existência das instituições e até mesmo para as histórias dos movimentos operários no Rio de Janeiro, possibilitando a transmissão de documentos presentes em arquivos pessoais que foram gentilmente doados com objetivos de preservação de documentos e das possibilidades de lembranças de suas atividades.

Entre 1996, quando foi concluído o financiamento da Fundação Ford, e 2005, o Arquivo recebeu diversos arquivos pessoais de militantes, fato que ampliou mais o seu acervo. Além disso, o Arquivo realizou e participou de seminários, congressos e encontros temáticos que, de diversas formas, tinham os temas memória e documentação operária perpassando suas atividades. Entre esses eventos podemos destacar homenagens a relevantes militantes como: Luiz Carlos Prestes, Roberto Morena, Gregório Bezerra, Olga Benário, além de instituições como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o PCB, com destaque também para acontecimentos como a Insurreição Comunista de 1935. Neste período, o Arquivo estabeleceu intercâmbio com a Fundação Perseu Abramo, visando elaboração de projeto de preservação da memória do PT.

Concluído o financiamento pela Fundação Ford, o AMORJ passou a receber apenas recursos do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] para suas atividades e pagamento de bolsistas. A partir de 2005, entretanto, o arquivo passou a contar com o patrocínio da Petrobrás e pôde atualizar seus equipamentos de informática, investir em projetos de informatização dos catálogos, de digitalização de documentos, de reformulação e de atualização do site, além da realização de eventos, como a série de Estudos Anarquistas, entre 2007 e 2008. E os seminários [internacionais] Velhos e Novos Direitos do Trabalho, em 2007, e Velhos e Novos Direitos do Trabalho – Diálogo Brasil/Itália, em 2008.¹⁶

Atualmente, com quase vinte e cinco anos de existência – e uma documentação que tem como datas-limite os anos de 1880 e 2011, pois o Arquivo não deixa de receber doações –, ao olharmos para o nosso próprio passado, experiências e vários projetos de organização documental e de preservação de registros e de informações sobre o operariado fluminense e suas mais diversas expressões, consideramos que tivemos e temos uma significativa contribuição nos meios acadêmicos e sindicais para as construções de memórias operárias no Rio de Janeiro. Nas nossas propostas, então, associam-se bolsistas do CNPq, do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/UFRJ) e da FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). Todas as nossas iniciativas de pesquisa e preservação estão, desta maneira, ligadas ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) e ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), ambos da UFRJ, que nos são importantes referências acadêmicas e institucionais.

O Acervo do AMORJ

A documentação que compõe o acervo do AMORJ – caracterizada por documentação arquivística, bibliográfica e iconográfica (em originais, reproduções e microfilmes), além de material sonoro e audiovisual – está distribuída em onze sessões, que compreendem dois fundos e sessenta e duas coleções.¹⁷

Entre as sessões podemos descrever as seguintes: *Fundos*, que compreende os fundos Partido Comunista Brasileiro (PCB) e Partido dos Trabalhadores (PT); *Coleções Particulares*, que compreende trinta e quatro; *Coleções Institucionais*, com dezoito; *Coleções Originárias de Pesquisas Acadêmicas*, com nove (na verdade, foi a partir de algumas dessas coleções que foi sendo formado o acervo do AMORJ); *Coleções Temáticas*, com duas (a partir de informações de todas as coleções e fundos do acervo); *Livros* (com livros reunidos pelo PCB e outros colecionadores particulares); *Periódicos* (com jornais e revistas); *Teses e Dissertações*; *Iconografia* (com cartazes e fotografias); *História Oral* (com depoimentos gravados em fitas K-7); *Acervo Digital* (com uma biblioteca virtual e periódicos digitalizados).

Estas sessões formam os arranjos fundamentais do AMORJ, pois é a partir e através delas que é possível fazermos organizações físicas e intelectuais que nos permitem disponibilizar informações e documentos aos usuários, da mesma maneira que realizamos nossas pesquisas.

O acervo, neste sentido, reúne material relacionado:

- 1) setores profissionais, sindicatos, organizações partidárias e partidos políticos vinculados à classe trabalhadora – no campo e na cidade – ou aos chamados “setores populares”; 2) militantes e lideranças sindicais e político-partidárias expressivas; 3) atores e instituições da área dos direitos – e da Justiça do Trabalho.¹⁸

O *Fundo PCB* contém documentação bibliográfica – que reúne aproximadamente de 2.900 livros (2.394 catalogados e disponíveis e mais de 500

indisponíveis por razões de más condições físicas), abrangendo assuntos como: política, economia, partidos políticos, movimento sindical, literatura brasileira e estrangeira, história do Brasil e de países do “bloco socialista” e outros – e arquivística, cobrindo o período de 1956 a 1991. Conforme foi descrito anteriormente, o Fundo foi concebido após a doação do arquivo do PCB pelo PPS, quando da sua criação.

O *Fundo PT*, por sua vez, contém documentação arquivística, documentos audiovisuais e material museológico, produzidos entre 1979 e início dos anos 2000. Abrange assuntos como a trajetória nacional e fluminense do partido e sua presença nos movimentos e instituições sindicais.

As *Coleções Particulares*, que na verdade são originárias de arquivos pessoais de antigos militantes, são diversas em sua tipologia e assuntos, tanto nas origens dos documentos reunidos quanto em volume e variedade. Compreendem documentos arquivísticos, como textos, recortes de jornais, correspondência, fotografias etc. Estas coleções permitem traçar perfis políticos e sindicais dos indivíduos e das instituições às quais estiveram ligados. “A relativa concentração de coleções de militantes do PCB explica-se, como já foi destacado, pela participação do AMORJ no projeto Memória do PCB, em que o Arquivo desempenhou o papel de principal receptor desse tipo de material documental no Rio de Janeiro.”¹⁹

As *Coleções Institucionais* reúnem documentação arquivística e bibliográfica, que foi majoritariamente doada por instituições sindicais, arquivos particulares, partidos políticos, grupos de pesquisas acadêmicas e várias outras organizações sociais. Entre estas, merecem destaque: a Coleção Archivio Storico del Movimento Operário Brasileiro (ASMOB); a Coleção Movimento e Organização dos Trabalhadores Rurais do Brasil, doada pela ONG Koinonia-Presença Ecumênica e Serviço (originária do CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação); a Coleção NUPES (Núcleo de Pesquisa Social), reunida pelos professores José Ricardo Ramalho, Paola Cappellin e Marcos Aurelio Santana (todos do PPGSA/UFRJ); a Coleção Entidades Sindicais; a Coleção Central Única dos Trabalhadores; a Coleção Reconstrução do Partido Comunista Brasileiro; o Coletivo Gregório Bezerra; a Coleção Grupo Tortura Nunca Mais; a Coleção Movimento Estudantil; a Coleção Política Operária (POLOP); a Coleção Organizações de Esquerda; a Coleção Pastoral do Trabalhador, entre outras.

As *Coleções Originárias de Pesquisas Acadêmicas* reúnem documentos que podem ser divididos em dois eixos: o primeiro é relacionado à história dos trabalhadores e de seus sindicatos, com documentação arquivística e depoimentos orais de operários da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), FNM (Fábrica Nacional de Motores) e estaleiros da indústria naval, reunidos pelos professores Regina Morel, José Ricardo Ramalho e Elina Pessanha (todos do PPGSA). Acrescentamos as coleções: Bairro Fábrica, reunida e doada pela professora Francisca Nogueira (PPGHIS/UFRJ); Coleção Secretária: Uma Ambigüidade em Feitio de Profissão, reunida e doada pela professora Bila Sorj (PPGSA/UFRJ); Escola de Líderes Operários, reunida e doada pela professora Fátima Tavares (UFJF); No Calor do Fogo, reunida e doada pela professora Lourdes Canosa.

O segundo eixo desta sessão é relacionado à descrição da trajetória da Justiça do Trabalho e da configuração dos direitos trabalhistas,

[...] através de documentação e de um banco de dados de depoimentos orais de seus operadores. Refere-se

fundamentalmente à pesquisa histórica dos Direitos e da Justiça do Trabalho no Brasil, coordenada pelas Professoras Ângela de Castro Gomes (CPDOC e UFF), Regina Morel e Elina Pessanha ([PPGSA/JUFRJ) que contou com apoio do CNPq e da FAPERJ (Projeto PRONEX) e reuniu farto material, entre textos, documentos e dados coletados através da realização de um survey.²⁰

Outros agrupamentos do acervo são formados por instrumentos de pesquisas temáticos que informam temas e documentos relacionados à presença das mulheres no acervo do AMORJ, além dos relacionados à ditadura militar e à repressão política no Brasil no período de 1964 a 1985. Destaca-se que estes instrumentos permitem fazer uma varredura em todo o acervo do Arquivo em busca de documentos que se relacionam aos mencionados temas.

Relevante também é a coleção de *Livros do Fundo PCB* que pertenceram ao Arquivo do PCB – através do Instituto Astrogildo Pereira –, que reúne, conforme dito acima, cerca de 2.900 títulos. Um fato significativo que merece destaque é que estes podem ter sido parte das mais diversas leituras que os militantes do PCB teriam feito nos seus processos de formação discursiva e de práticas dos discursos do partido. A análise atenta desta possibilidade pode revelar as bases que puderam ter contribuído com a formação de dirigentes e de militantes políticos ligados ao “comunismo” brasileiro e estrangeiro.

Quanto à *Coleção de Periódicos* – acondicionados fisicamente em um mesmo espaço, mas referenciados intelectualmente em suas respectivas coleções e em instrumentos específicos que informam os jornais e as revistas – estão relacionados a títulos que, de modo parecido com os livros, podem ter sido materiais importantes para formação e informação dos militantes e dirigentes de movimentos políticos e sindicais, entre os colecionadores e outros sujeitos representados no acervo do AMORJ.

A *Coleção de Cartazes* soma mais de 770 peças, que se referem às mais diversas manifestações sindicais e políticas dos trabalhadores e organizações fluminenses. O Arquivo conta ainda com fotografias e depoimentos gravados de militantes e lideranças sindicais, assim como com um *acervo digital* que compreende uma biblioteca virtual – a Biblioteca Virtual Evaristo de Moraes Filho, um dos formadores da Justiça do Trabalho no Brasil e colaborador da instituição e consolidação dos direitos do trabalho, além de contribuir com a formação da sociologia do trabalho no país e ser um dos principais pensadores do direito e da sociologia trabalhista entre nós – e uma coleção de periódicos digitalizados – que pertence ao ASMOB e está custodiada no Centro de Documentação e Memória (CEDEM)/UNESP – que compreende o período de final do século XIX a meados do XX. É importante esclarecer que esta coleção reúne documentos em meio digital que têm seus correspondentes originais no CEDEM/UNESP, que foi a instituição que realizou o trabalho e que gentilmente nos cedeu cópias, pois só tínhamos esses documentos em suporte microfilmico.

Em suma, a diversidade tipológica e temática do acervo do AMORJ é significativa e, conforme dissemos neste texto, pode ser importante via de pesquisa

tanto sobre os trabalhadores fluminenses quanto sobre suas mais diversas instituições, que estão representadas nas coleções e fundos do Arquivo.

O Arquivo vinte e cinco anos procurou sempre preservar os mais diversos conjuntos documentais sobre os trabalhadores, atuando como um centro de documentação e pesquisa sobre suas ações políticas e sindicais e, acreditamos, tornou-se um dos “lugares de memória” e de referência para os pesquisadores – de todos os matizes – do sindicalismo no nosso estado, formando, assim, para o âmbito acadêmico, político e social, um acervo que cada vez mais permite a compreensão e as lembranças de ações e práticas diversas de trabalhadores do Rio de Janeiro, ao longo de mais de um século de experiências históricas.

Notas:

* Mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professor da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME); professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC); supervisor de documentação do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ)/PPGSA/UFRJ; bolsista de apoio técnico à pesquisa CNPq (nível 1A); bolsista de desenvolvimento tecnológico, DT1B, do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área de Cultura, da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), entre 2009 e 2011.

¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

² Conforme descrito por Michel Foucault em sua obra, especialmente nos livros *As Palavras e as Coisas* (1966), *A Arqueologia do Saber* (1969), *A Ordem do Discurso* (1970), *A Verdade e as Formas Jurídicas* (1974) e outras.

³ A esse respeito Bloch assim enuncia a questão: "A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercício de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações". BLOCH, Marc. A observação histórica. In: _____. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 83.

⁴ NORA, Pierre. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. *Projeto História* (Revista de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP). São Paulo, v. 10, 1993.

⁵ QUINTANILHA, Regina. Um banco de memória para o trabalhador fluminense. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 1992 [data provável]. Ver o documento no site do AMORJ:

<http://www.amorj.ifcs.ufrj.br/imagens/Mem%C3%B3ria%20Amorj/Digitalizar.jpg>. A tese mencionada tem como referência: PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. *Vida Operária e Política dos Trabalhadores da Construção Naval de Niterói*. 1985 Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985.

⁶ JORNAL DO SINTUFRJ. Memória da classe operária: um arquivo para consulta obrigatória. *Jornal do Sintufrj*. Rio de Janeiro, 10/9/1996.

⁷ BARDANACHVILI, Eliane. Sindicalismo tem sua memória. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 3/1/1992. Ver o documento no site do AMORJ:

<http://www.amorj.ifcs.ufrj.br/imagens/Mem%C3%B3ria%20Amorj/IMGPo846.JPG>

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

¹³ As informações sobre a criação do AMORJ foram fornecidas pela professora Elina Pessanha, em entrevista ao autor, no dia 8/9/2003. Ressalto que esta entrevista não foi gravada, somente anotada. Os rascunhos e a entrevista editada, datada e assinada pela depoente citada, encontram-se em poder do autor. Ver RODRIGUES, Marcos Aurelio Santana. *Presença Anarquista no Arquivo de Memória Operária*

do Rio de Janeiro. Monografia. Rio de Janeiro: Departamento de História; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. (capítulo 3)

¹⁴ A Rádio Pulga é administrada por estudantes dos cursos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e ocupa uma sala do 4º andar do prédio, próximo ao elevador dos fundos. Esclarecem eles no site da rádio: "Rio de Janeiro, 1990. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, campus do IFCS, no centro da cidade, um aluno constrói um transmissor de baixíssima potência e se junta com outros alunos que descolam uma salinha nojenta para fazer um estúdio, infestadas de pulgas, embaixo da escada, no fundo do Centro Acadêmico dos estudantes de História. O tio de um sabe fazer um caixote de madeira, outro pega e faz desse caixote uma mesa de som e juntando mais um microfone e uma pick-up eles formam uma rádio. A Rádio Pulga". Ver: <http://pulga.radiolivres.org/taxonomy/term/5>

¹⁵ JORNAL DO SINTUFRJ, op. cit. A reportagem não esclarece que se trata de dois acontecimentos distintos. Em relação ao PPS a questão está ligada à doação através de um consórcio que envolveu a Fundação Roberto Marinho e a UFRJ, quando o AMORJ, através desta universidade, passou a custodiar o acervo do Instituto Astrojildo Pereira referente ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), acervo este que cobre principalmente os anos de 1970 e 1990. Quanto à Fundação Giamgiacomo Feltrinelli, com sede em Milão, na Itália, devemos esclarecer que foram adquiridos, em 1991, 133 rolos de microfilmes de 16 e 35 mm do acervo do ASMOB (Archivio Storico del Movimento Operaio Brasileiro) – formado em 1977 a partir de arquivos pessoais de Astrojildo Pereira e Roberto Morena – que, entre outros, incluem significativo acervo de documentos referentes ao PCB.

¹⁶ PESSANHA, Elina; RODRIGUES, Marcos Aurelio Santana. Memória dos trabalhadores: contribuição do Arquivo de Memória Operária. In: MARQUES, Antonio José; STAMPA, Inez Terezinha (Orgs.). *O Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2009, p. 228.

¹⁷ Ver <http://www.ifcs.ufrj.br/~amorj/acervo.htm>.

¹⁸ PESSANHA; RODRIGUES, op. cit., p. 229.

¹⁹ Ibidem, p. 230.

²⁰ Ibidem, p. 231.